



Texto síntese – Roda de Diálogo SNEA 12

Valéria Tolentino¹ e Fernando Silveira Franco²

¹ Professora da UFRRJ, mestrado em Economia Doméstica (UFV) e doutorado em Alimentos e Nutrição (Unicamp). E-mail: valeria.tolentino.ufrj@gmail.com; ² Professor da UFSCar/Sorocaba, mestrado em Ciência Florestal e doutorado em Ciência Florestal (UFV). E-mail: fernando.agrofloresta@gmail.com

As dez experiências aqui descritas permearam os seguintes temas: processos educativos com a utilização de hortas comunitárias, estratégias de pedagogia da alternância, oficinas e cursos de formação envolvendo agricultores, técnicos de campo, crianças e adolescentes nas escolas, grupos agroecológicos compartilhando múltiplas atividades, conforme o Quadro 1. Sua distribuição geográfica obteve cinco ocorrências na Zona da Mata do estado de Minas Gerais (50% das situações), quatro no estado de São Paulo (40%) e uma no Rio de Janeiro (10%).

Quadro 1. As (dez) experiências compartilhadas no Grupo 12 do II SNEA, 2016

Ordem	Grupo, organização e/ou instituição	Experiência
1	Mutirão Ciranda - UFV, MG	Múltiplas atividades
2	Horta e Segurança Alimentar - Nova Iguaçu, RJ- a partir do PSF/UERJ/UFRRJ	Horta comunitária
3	NuMi-EcoSol - São Carlos, SP	Horta Comunitária
4	Comunidade Santa Clara- UNIFAL-MG	Horta comunitária
5	NEA-Muriaé/ Zona da Mata, MG	Formação/ Agricultores e extensionistas/ pedagogia da alternância
6	NEA-Rio Pomba /Microregião de Uba, MG	Formação/ Diagnóstico de agricultores e Capacitação Pronatec
7	Núcleo de Agroecologia Apetê-Caapuã, UFSCAR	Formação/ Agroecologia como atividade no ensino médio, na escola Waldorf no campo, Botucatu, SP
8	Grupo Animais para Agroecologia, UFV, MG	Formação/ Oficinas e diretrizes curriculares da Medicina Veterinária
9	Curso de Agronomia com ênfase em Agroecologia, UFSCAR, SP	Formação/ PRONERA-INCRA-UFSCAR
10	Grupo de Extensão em Agroecologia Gira-Sol UNESP - Rio Claro, SP	Formação/ Evento semana agroecológica



A síntese descrita abaixo acompanha a cronologia do Quadro 1, começando com o coletivo de organizações de agroecologia e suas múltiplas atividades, seguida pelas três situações envolvendo horta comunitária e seis experiências com educação formal e/ou de formação por meio de Núcleos/Grupos de Agroecologia.

Abordando múltiplas atividades, o "Mutirão Ciranda" trouxe a experiência de grupos que se agregaram em torno da construção do conhecimento e da prática agroecológica. Sua história, consolidada em 2008, nasceu da junção de quatro grupos na Universidade Federal de Viçosa (UFV) (os coletivos Animais para Agroecologia; SAUIPE/ Saúde Integral e Permacultura; Grupo Apêti de Agrofloresta, e GAO/Grupo de Agroecologia e Agricultura Orgânica). As atividades de educação descritas envolveram uma diversidade de projetos, entre os quais, a área de transição MataGao, localizada dentro da UFV, utilizada como área de experimentação dos estudantes envolvidos com os grupos da agroecologia. A Casa de Transição, espaço utilizado a partir de 2011, serve de base às reuniões dos grupos, abriga a Feira de Produtos Agroecológicos da Rede de Prosumidores/as Raízes da Mata, que movimenta cerca de 40 pessoas diariamente, incluindo agricultores/as, estudantes, população municipal, professores/as e técnicos/as da UFV. Também nesta casa há o Grupo do Almoço, com um sistema de autogestão, no qual as/os estudantes se organizam para preparar refeições, cuidar da gestão financeira, realizar compras e limpeza do ambiente. Como espaço de formação e educação, a descrição destas atividades parte da dimensão da alimentação como ato político, proporcionando uma discussão e aprendizagem por meio da busca por alimentos livres de insumos químicos, da aproximação com os agricultores, bem como das técnicas de produção agrícola adotadas, além da inclusão de temas como a soberania alimentar, saúde, entre outros. Sobre as metodologias educacionais utilizadas, o destaque é o círculo de cultura e o emprego de instalações artístico-pedagógicas (IAPs). Destaca-se também as "aulas abertas de agroecologia" descritas como construídas coletiva e horizontalmente pelos estudantes, apresentadas como parte do currículo do curso de Agronomia na UFV e sua inclusão na educação formal, como uma conquista dos grupos de agroecologia. Os sistemas agroflorestais (SAFs) implantados pelo Grupo Apêti a partir de 2007, são utilizados para realização de cursos, vivências, constituindo espaços educativos para tratar da sociobiodiversidade local. O Grupo SAUIPE realiza



atividades educativas em comunidades rurais com temas ligados ao saneamento ambiental, com ênfase no tratamento de esgoto com as fossas evapotranspiradoras, técnicas de conservação do solo e das águas, e na confecção de produtos de limpeza e higiene ecológicos. O Mutirão Ciranda integra ainda o Programa de Extensão Universitária TEIA, com destaque à participação na "Troca de Saberes" com camponeses/as, trabalhadores/as rurais e a juventude do campo, durante a Semana do Fazendeiro (evento do agronegócio da UFV). Esta troca de saberes na Semana do fazendeiro da UFV se apresenta como um contraponto ao modelo de produção e desenvolvimento colocado. O Mutirão Ciranda, com sua diversidade de grupos envolvidos e de ações apresentadas, confirma a perspectiva de que a Educação em Agroecologia pode acontecer em diferentes espaços e processos de ensino.

Quanto às experiências de educação envolvendo hortas comunitárias, foram relatados três diferentes contextos, entre eles, Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais.

Na experiência do RJ a horta comunitária implantada em Parada Angélica, município de Nova Iguaçu, nasceu da parceria do curso de Nutrição-UERJ¹, Agronomia-UFRRJ² e a comunidade. A trajetória desta atividade teve como base as demandas específicas do atendimento do PSF (Programa de Saúde da Família), no qual foram detectados moradores/as com diagnóstico de carência nutricional. Assim, a horta comunitária foi identificada como um processo pedagógico capaz de servir de instrumento formador e transformador da qualidade de vida da comunidade incluindo as discussões de organização social, ecossistemas sustentáveis, agroecologia, alimentação saudável e segurança alimentar, que resultou na prática da construção coletiva e na organização de um grupo de produção de hortaliças visando geração alternativa de renda e a promoção da segurança alimentar e nutricional.

Em São Carlos, SP, o NuMI-EcoSol-Núcleo Multidisciplinar Integrado de Estudos, Formação e Intervenção em Economia Solidária da UFSCar³, apresentou a Horta Agroecológica Comunitária e Pedagógica, localizada no Centro da Juventude Elaine Viviane, Jardim Gonzaga, local identificado como área de vulnerabilidade social. Nesta experiência, metodologias educacionais incluem troca de saberes em diferentes espaços de formação. Atividades com problematização sobre a reciclagem a

¹ Universidade Estadual do Rio de Janeiro.

² Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

³ Universidade Federal de São Carlos.



partir de resíduos recolhidos junto com a comunidade para compostagem e reaproveitamento de garrafas PET, pneus, caixas de leite e outros materiais, exploram a criatividade e adaptação a esses materiais pelo próprio grupo. Na produção de alimentos, o planejamento das atividades como plantio, colheita, destinação dos alimentos é decidido em reuniões gerais, de acordo com as necessidades do grupo, sendo parte da produção de hortaliças direcionada para Pastoral da Criança, que realiza acompanhamento nutricional de crianças de 0 a 6 anos do bairro. A estrutura de trabalho na horta se dá de forma associada e participativa, combinando conhecimentos tradicionais das gerações com tecnologias sustentáveis e produção científica na agroecologia. Há construção de viveiro de mudas, buscando auto-sustentabilidade na produção de sementes e mudas, além da participação em intercâmbios culturais agroecológicos e eventos para troca de sementes e mudas, na perspectiva de promover a educação não-formal em agroecologia. Destaca-se ainda como recurso educacional, a elaboração e disponibilização online da cartilha da horta⁴, cujo conteúdo aborda: práticas para um consumo mais responsável, ciclo construtivo da agroecologia, alimento orgânico e agroecológico, práticas agroecológicas, o solo é vivo, compostagem, adubação verde, plantas indicadoras, rotação de culturas, plantas companheiras, espiral de ervas, sazonalidade agrícola e participe de uma horta comunitária. Note-se que a presente experiência exalta o ensino em agroecologia envolvendo mudança de paradigma em diversos âmbitos: econômico, social, ambiental, cultural, político e ético.

A experiência intitulada Horta Comunitária de base agroecológica: uma experiência prática de Educação Ambiental, Segurança Alimentar e Participação Social, foi realizada na comunidade Santa Clara, no entorno do Campus II da UNIFAL⁵-MG, e implantada a partir de 2014. Tomando as hortas comunitárias como um espaço de convivência e integração, no qual conceitos e atitudes sobre sustentabilidade, agroecologia e segurança alimentar são exercidos na prática, estudantes dos cursos de graduação em Geografia, Ciências Biológicas e Nutrição, ocuparam o local que antes estava em desuso. Na dinâmica descrita, os estudantes são os responsáveis pelo planejamento, manutenção da horta, tratos culturais, plantio e colheita, tendo o apoio técnico e acesso a ferramentas, insumos,

⁴ Disponível em <https://issuu.com/mamatteu/docs/cartilha_horta_pedag_gica_agroecol/7?e=25627101%2F30000297>

⁵ Universidade Federal de Alfenas.



sementes e mudas. Os trabalhos executados são, na maioria das vezes, de forma coletiva e fundamentados por princípios e práticas de gestão compartilhada. O projeto de adubação por meio da compostagem tem como perspectiva absorver o lixo orgânico oriundo do restaurante universitário e dos serviços de jardinagem do campus. Dentre as metodologias educacionais relacionadas, com participação da comunidade, incluem-se os mutirões na horta, oficinas (por exemplo: agrofloresta, controle biológico de pragas, plantas medicinais, adubação verde e compostagem, aproveitamento integral de alimentos, entre outros). A horta é aqui defendida como um laboratório de aprendizado de conceitos muitas vezes abstratos em sala de aula, considerada como um estímulo e subsídio para integração entre os conhecimentos disciplinares e como um "lugar de transversalidade".

Os relatos de cursos de formação/capacitação em agroecologia, envolveram seis diferentes situações. Na Zona da Mata e na Microrregião de Ubá, MG, foram relatadas três experiências com foco em agricultores e extensionistas. No interior de São Paulo, as outras três experiências incluíram uma para jovens de uma escola Waldorf no campo em Botucatu, um curso de graduação em Agronomia com ênfase em agroecologia pelo PRONERA/INCRA e um evento acadêmico.

Da Zona da Mata mineira o NEA-Muriaé (Núcleo de Estudos em Agroecologia) apresentou uma experiência de educação formal, o "Curso de capacitação em Agroecologia para agricultores familiares e técnicos da Extensão Rural", com o objetivo de capacitar agricultores e extensionistas nos princípios gerais da agroecologia, utilizando como metodologia a pedagogia da alternância. Nas características descritas da região do curso, fatores como o processo de erosão e enfraquecimento do solo e a busca de soluções para estes problemas impulsionaram a adoção do manejo agroecológico do solo, com técnicas como a adubação verde, cordões de contorno, plantios em nível e sistemas agroflorestais com café e com pastagens, evitando em muitas propriedades, a degradação do solo e desencadeando o processo de transição agroecológica. No entanto, admite-se que os agricultores agroecológicos, em transição, ou os que desejam migrar, enfrentam, dentre outros, o problema da falta de uma assistência técnica que os auxilie nesta forma de produzir. Nesse sentido, o curso ofertado visou contribuir com o diálogo entre técnicos e agricultores na construção do conhecimento agroecológico. O conteúdo abrangeu módulos de Introdução à Agroecologia; Manejo agroecológico do solo; Homeopatia



na agricultura (Agrohomoepatia); Manejo agroecológico da agrobiodiversidade; Permacultura (com ênfase em saneamento rural) e Horticultura agroecológica, além de um módulo destinado a avaliar o processo educativo. Como estratégia metodológica foram formadas de duplas de trabalho (um agricultor e um técnico do mesmo município) e em cada módulo era realizada uma parte teórica e prática na unidade Rural do IF Sudeste MG (momento-escola), e uma parte prática orientada na propriedade do agricultor (momento-comunidade), em parceria com o técnico. Além de servir para aprofundar o conhecimento dos professores sobre a realidade local, a avaliação dos participantes apontou como pontos positivos do curso: a aquisição de novos conhecimentos; a troca de experiências entre agricultores, técnicos e professores; o aumento da consciência sobre a importância de uma alimentação sem agrotóxicos; a importância do incentivo à Agroecologia; a integração entre agricultor e extensionista; a abertura do IF para a comunidade; socialização do conhecimento produzido nos centros de pesquisa e a aquisição de conhecimentos práticos como a preparação de caldas e biofertilizantes. Como aprimoramento do curso, os participantes sugeriram um menor espaço de tempo entre os módulos (que foram bimestrais); promoção para a participação de um maior número de produtores; maior empenho das duplas nas tarefas de casa; montagem de unidade demonstrativa no IF para visitas programadas; elaboração de apostilas com os conteúdos ministrados; visitas a propriedades agroecológicas; repasse das experiências do curso para outros técnicos e agricultores e, a criação de um fórum permanente para discutir práticas agroecológicas. Conforme os autores, a experiência inovou ao colocar na mesma condição de aprendizagem os agricultores familiares e os técnicos extensionistas, enfatizando o êxito das estratégias de educação utilizadas e a perspectiva de realização de um novo curso.

A experiência de formação em Agroecologia realizada na Microrregião de Ubá, MG, com a atuação do Núcleo de Estudos em Agroecologia (NEA) de Rio Pomba, MG foi composta por duas abordagens. A primeira, apresenta um diagnóstico das condições socioeconômicas e produtivas da agricultura familiar no território. A segunda, compreendeu a realização de cursos de Formação Inicial e



Continuada (FIC) - Pronatec⁶, com agricultores familiares dos municípios de Silveirânia, Rio Pomba, Ubá e Goianá, cujo objetivo foi iniciar um processo de nivelamento regional quanto a produção agroecológica de alimentos. O resultado do diagnóstico permitiu traçar o perfil socioeconômico, cultural e produtivo dos agricultores no qual se constatou a predominância do uso de sementes melhoradas (algumas destas, transgênicas), justificadas por considerarem a resistência à pragas e doenças, a maior capacidade produtiva e menor trabalho para capina com a utilização de herbicidas, sem associarem os riscos desta utilização. Quanto ao uso de agrotóxicos a maioria dos agricultores relatou que os utilizava e devolvia as embalagens em postos de coleta autorizados. Apesar disso, os agricultores demonstraram interesse em produzir sem a utilização de insumos químicos, embora para a maioria o significado de Agroecologia e Agricultura Orgânica era o cultivo de alimentos sem utilização de venenos. Ao considerar as iniciativas relacionadas à transição agroecológica e a disposição dos agricultores em converter seu sistema de produção de alimentos para um sistema de produção de base agroecológica, o resultado foi positivo, mas, no entanto, quase um quarto dos agricultores entrevistados tinham dúvidas sobre esse processo. Em relação ao alcance da Política de Assistência Técnica e Extensão Rural promovida pela EMATER no território, identificou-se que a maioria dos agricultores recebia ao menos uma visita ao ano, mas, no entanto, um terço destes não a receberam e significativo número de agricultores não possuía a “Declaração de Aptidão ao PRONAF” (DAP), documento essencial para acesso a políticas públicas. Além disso, a maior parte dos agricultores apontou desconhecer a existência de associação/cooperativa em seu município e, quando conhecia, a maioria também não era associada/cooperada. O resultado do diagnóstico aponta, portanto, o potencial para ampliação da agroecologia, a ser explorado. Quanto aos cursos FIC-Pronatec, realizados entre 2013 e 2014 na microrregião de Ubá, compreenderam as abordagens: Horticultor Orgânico (municípios de Silveirânia e Ubá); Agricultor Familiar (no município de Rio Pomba); Agricultor Orgânico (no Assentamento Denis Gonçalves, em Goianá), envolvendo 85 produtores rurais, considerando apenas os que concluíram com êxito estes cursos. A avaliação dos cursos resultou no apontamento de muitos

⁶ Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (Pronatec) foi criado pelo Governo Federal, em 2011, por meio da Lei 12.513/2011, com o objetivo de expandir, interiorizar e democratizar a oferta de cursos de educação profissional e tecnológica no país.



aspectos positivos, entre os quais, o incentivo à diversificação da produção, o interesse de fundar uma associação de produtores orgânicos em Silveirânia, o estabelecimento de novas parcerias entre os agricultores do município e o NEA-RP, resultando em trabalhos conjuntos como a criação da rede de prosumidores “Rede Mãos a Horta”, no qual estudantes do NEA auxiliam a comercialização da produção de agricultores de base ecológica, ligando-os diretamente aos seus consumidores finais. Destaca-se ainda o papel dos cursos FIC para o suporte nas ações de implantação do assentamento das famílias no recém-criado assentamento Denis Gonçalves. A reflexão dos autores sobre as experiências de Educação em Agroecologia na microrregião de Ubá apontam para a urgência de ampliação das práticas ecológicas e de base social na região, bem como a necessidade de buscar maior diálogo entre o conhecimento científico e as práticas agroecológicas, de maneira a construir de forma dialógica e participativa um processo de desenvolvimento local com respeito ambiental, social e cultural assim como formar agroecólogos(as) comprometidos(as) com essa transformação necessária.

A introdução de conteúdos teóricos e práticos de agroecologia no ensino formal, foi a experiência do Núcleo de Agroecologia Apetê-Caapuã, UFSCAR, Sorocaba, SP, que teve por objetivo oferecer aos estudantes do Décimo Primeiro ano da Escola Aitiara, uma atividade pedagógica complementar, em forma de oficinas teórico-práticas abordando temas de Agroecologia e da Agricultura Biodinâmica. Foi usado um programa composto de conteúdos que pudessem propiciar a reflexão de temas ligados à produção de alimentos e seus impactos socioambientais globais e locais. Também debates usando metodologias participativas com temas como feminismo, reforma agrária, políticas públicas e suas relações com a agroecologia. A partir disso, foram apresentadas propostas alternativas de sistemas de produção de base ecológica que foram trazidas com princípios teóricos e praticadas através de vivência, implantação e manejo de um Sistema Agroflorestal Biodinâmico na área rural da Associação Brasileira de Agricultura Biodinâmica e realização práticas de manejo em áreas de produção agrícola biodinâmica certificada na região da escola, compondo assim um entorno educativo para os jovens. Os resultados surgiram em debates, desenhos, música e poesia que os educandos e educandas produziram durante todo o semestre, como propostas de trabalhos e como tarefa de casa. O grupo participou de maneira muito presente e positiva, com dedicação e entusiasmo nas atividades,



realizando descobertas relevantes para sua formação pedagógica e humana. A existência de áreas de produção biodinâmica, próximo a escola, propiciou um entorno educativo ideal, onde os jovens puderam vivenciar de fato os ciclos e atividades produtivas, além dos desafios sociais e políticos, existentes na busca de formas de produzir alimentos saudáveis e éticos, constituindo um aprendizado que ficará impresso para sempre em suas vidas.

A experiência "Problematizando a formação de graduandos em extensão e educação popular: a experiência do Grupo Animais para Agroecologia", constitui o conjunto de atividades desenvolvidas pelo Grupo Animais para a Agroecologia, composto por estudantes da Universidade Federal de Viçosa, MG. As atividades do Grupo contemplam temáticas diversas que incluem o manejo nutricional, reprodutivo, sanitário de diferentes espécies animais, bem como a comercialização de produtos de origem animal. A atuação técnica do Grupo absorve a reflexão sobre temáticas transversais como gênero, campesinato, ecologia dos saberes e políticas públicas, bem como os pressupostos teórico-metodológicos da pesquisa-ação, privilegiando metodologias participativas desenvolvidas em espaços de oficinas e intercâmbios. O Grupo atua com agricultores e agricultoras familiares, organizados ou não, sendo parceiros frequentes desse trabalho sindicatos, associações, cooperativas de trabalhadores rurais de diferentes municípios localizados na Zona da Mata de Minas Gerais, incluindo o Centro de Tecnologias Alternativas (CTA-ZM). A educação e extensão popular vêm norteando as reflexões e intervenções do Grupo enquanto teorias que visam a emancipação do conhecimento, permitindo aos estudantes o acesso a outras formas de práticas e saberes. Entre as atividades desenvolvidas em 2015, destaca-se a realização de oficinas com os temas: Ecologia de Saberes e as dimensões vividas no conhecimento; Questão Agrária e Agroecologia e a reinvenção dos territórios. Outra atividade de formação esteve relacionada à demanda sugerida por parte dos/as agricultores/as que participam das intervenções do Grupo Animais para Agroecologia, envolvendo o aprofundamento sobre o uso de alimentos não convencionais na alimentação de bovinos, temática essa que fez parte de uma tese de doutorado desenvolvida no âmbito das atividades do Grupo. Neste caso, foi elaborado um portfólio pelos/as estudantes, com a caracterização morfológica e agrônômica, fotos e exsiccatas das espécies que seriam abordadas nas oficinas com os/as agricultores/as. Para execução do portfólio foi realizada



parceria e orientação com professores e alunos do Setor de Agrostologia da Universidade Federal de Viçosa, de modo a obter autorização para coleta das amostras e estabelecer diálogo a respeito dos objetivos e realização do trabalho. No que se refere à educação formal, o grupo encaminhou solicitação à coordenação do Curso de Medicina Veterinária da UFV para inclusão dos temas da Agroecologia e Educação Popular, na disciplina "Introdução à Medicina Veterinária", considerando que os conteúdos se concentram basicamente em áreas de atuação profissional com a utilização de palestrantes/convidados. Esta intervenção foi facilitada com o uso de dois vídeos introdutórios com a turma. O primeiro vídeo (Diaconia Brasil, Biodigestor: Uma Tecnologia Social no PNH⁷ foi exibido com o objetivo de problematizar a produção tecnológica e demonstrar a possibilidade da produção de tecnologias de baixo custo, que geram autonomia e se propõem a melhorar a qualidade de vida no campo. O segundo vídeo (CTA Mulheres, Outras Marias)⁸ foi exibido de modo a apresentar os/às estudantes como as questões de gênero são trabalhadas e vivenciadas em espaços agroecológicos, a partir da fala das agricultoras familiares, protagonistas do documentário. A intenção era problematizar uma pauta de destaque do movimento agroecológico: Sem Feminismo não há Agroecologia. Num segundo momento, em círculo, no gramado do pavilhão de aulas, de forma a potencializar diferentes espaços como recursos didáticos, ocorreu o debate sobre a importância da agrobiodiversidade em propriedades rurais e dos alimentos não-convencionais que podem ser utilizados na alimentação animal, evidenciando a relevância dessas culturas em períodos de seca, uma vez que há alimentos com excelente composição nutricional adaptados ao clima e solo da região e com pico de produtividade na estação seca. Na discussão, foi problematizado que o cultivo dessas espécies pode reduzir custos com a alimentação animal, uma vez que são capazes de substituir o uso de rações, além de melhorar o bem-estar animal e a qualidade do solo. Por fim, foram apresentados os fitoterápicos e as homeopatas, como prevenção e tratamento de doenças. Contrariando a postura etnocêntrica, tecnicista e difusionista adotada na educação formal e, considerando a necessidade de inclusão das abordagens relacionadas à agricultura familiar e extensão, o Grupo busca promover a educação por meio de metodologias

⁷ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=y3Hk8nWteFw>>.

⁸ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=3WHzQDIaY44>>.



participativas de forma a proporcionar aos estudantes universitários a interação com as comunidades, num processo que busca tratar os representantes de ambas as partes, como agentes de transformação social.

A experiência de curso formal de Agronomia com ênfase em agroecologia PRONERA/UFSCAR, trouxe um relato de atividades desenvolvidas durante a disciplina de Gestão e Planejamento de Agroecossistemas, oferecida no último módulo do curso de Agronomia, com enfoque teórico em Transição Agroecológica, processos vinculados aos territórios locais, diagnóstico, avaliação e monitoramento das unidades produtivas camponesas dos assentamentos rurais e seu entorno. No tempo escola do curso privilegiaram-se os estudos e aprofundamentos bibliográficos, com tempos para estudos, leituras e pesquisas. Além disso, foram realizadas práticas e experimentações de campo durante o tempo presencial, realizadas no próprio campus de Sorocaba, da Universidade Federal de Sorocaba e em uma unidade produtiva familiar, vizinha da universidade, com produção agroecológica. Dentre as principais atividades destacaram a construção e/ou adaptação participativa de indicadores de sustentabilidade e parâmetros de avaliação, elaborados por todos educandos e educandas do curso de Agronomia com ênfase em Agroecologia e Sistemas Rurais Sustentáveis. As abordagens teóricas e aulas práticas durante o tempo escola possibilitaram os educandos desenvolverem um excelente trabalho de diagnóstico participativo em suas comunidades (tempo comunidade), com o auxílio de métodos participativos de avaliação e indicadores de sustentabilidade, corroborando com as avaliações e elaboração de um plano de transição agroecológica para as unidades produtivas dos assentados da reforma agrária.

O Grupo de Extensão em Agroecologia Gira-Sol, apresenta a experiência da I Semana Agroecológica UNESP⁹ Rio Claro. O evento surgiu com a perspectiva de politizar o debate da agroecologia dentro da UNESP de Rio Claro, que é um campus universitário considerado com forte vocação para as Ciências Ambientais, pela existência de cursos como Geologia, Ecologia, Geografia, Engenharia Ambiental e Ciências Biológicas. Nesse sentido, o Grupo Gira-Sol, embora vinculado ao Departamento de Ecologia, agrega estudantes de diversos cursos, gerando convergência de informações

⁹ Universidade Estadual Paulista



técnicas, mas sem ênfase às oportunidades de debater politicamente as questões ambientais. Assim, motivados pelo retorno da participação no ENGA/CBA¹⁰ de Belém do Pará, realizado em outubro de 2015, a organização de um evento para dar visibilidade à luta agroecológica no campus Unesp-Rio Claro, ganhou o entusiasmo coletivo. Entre os sonhos e as discussões, o evento foi encaminhado para maio de 2016, com o formato de uma semana de atividades, com debate de filmes, mesas redondas, oficinas, exposição de trabalhos científicos e feiras de trocas. A facilitação dos espaços foi voluntária, sendo convidados antigos participantes do Gira-Sol, membros de outros grupos da REGA, professores de outras instituições, agricultores e militantes de diversas cidades. O público compreendeu 170 pessoas (inscrições), das quais cerca de 80% moradores do município de Rio Claro, predominante de estudantes, com presença de agricultores e outros profissionais. Também houveram participantes de Campinas, Itapira, Leme, Piracicaba, Ribeirão Preto, São Carlos, São José dos Campos, São Paulo e Sorocaba. No evento, buscou-se abordar as lutas sociais correlacionadas à Agroecologia, e ao mesmo tempo trazer ao público que nunca teve contato com a temática, o máximo de informações básicas. Os espaços das mesas redondas, por exemplo, formaram um eixo onde, em um primeiro momento, se discutiu “O que é Agroecologia?” e no dia seguinte “Movimentações Agroecológicas”, com a participação dos professores Fernando Silveira Franco e Irene Cardoso, agricultores representados pelo Grupo Jatobá Orgânico, movimentos sociais (MST) e universitários de grupos de agroecologia. As mesas conseguiram aproximar, nivelar e aprofundar o conhecimento do público na temática. Destaca-se ainda o debate a partir da abordagem “Permacultura Ecosocialista” (Djalma Nery), na qual a permacultura foi delimitada, criticada, desmitificada e ressignificada com base nos preceitos ecosocialistas, no materialismo histórico e na luta de classes. O cine-debate “As Sementes” que contou com Irene Cardoso e a rioclareense Diva Ebomy, foi outra aula. A vida de Diva, militante do movimento negro e referência na contação de histórias rendeu uma rica discussão sobre o papel da mulher negra na sociedade, os embates entre movimento negro e agroecológico, o uso tradicional das ervas medicinais e as atrocidades racistas que o povo negro enfrenta no dia-a-dia. Durante todo o evento, o protagonismo das mulheres foi ressaltado. A idealização da Semana e a frente da organização foram compostas por

¹⁰ ENGA/CBA: Encontro Nacional de Grupos de Agroecologia/Congresso Brasileiro de Agroecologia.



mulheres e, desde o princípio, se insistiu para que todas as atividades contassem com ao menos uma facilitadora. No que se refere à educação, a compreensão da I Semana Agroecológica como experiência educacional, estava presente desde a concepção, embora o Gira-Sol não possua bases metodológicas e educativas fundamentadas em uma linha pedagógica específica. A organização e definição de métodos foi orgânica e fruto das experiências em outros espaços disseminadores da Agroecologia.